

TESS GERRITSEN

OS HÓSPEDES DE VERÃO

*Uma garota desaparecida. Um corpo no fundo do lago.
Um clube de ex-espões que não aceitam ver segredos afundarem...*



TESS GERRITSEN

TRADUÇÃO
SANDRA MARTHA DOLINSKY

OS HÓSPEDES DE VERÃO

1

Purity, Maine, 1972

No último dia de sua vida, o policial Randy Pelletier, de Purity, pediu uma xícara de café e um *muffin* de mirtilo no Marigold Café.

Ele sempre pedia o mesmo depois do turno da noite, sua recompensa pelas horas solitárias passadas na viatura, protegendo as ruas e estradas secundárias da cidade dos motoristas bêbados, turistas em alta velocidade e, vez ou outra, guaxinins raivosos.

Estava sentado em sua mesa de canto de sempre, perto da janela, onde podia aproveitar o calor do sol da manhã enquanto observava o movimento da Main Street. Um bom policial nunca deixava de estar alerta, mesmo fora de serviço. E, tão importante quanto isso, as pessoas que passavam em frente ao café podiam vê-lo à janela, atento a tudo. A visibilidade era importante para a comunidade e, se surgisse algum problema, os cidadãos sabiam exatamente onde encontrar o agente da paz local: sentado ali mesmo, à mesa, perto da janela no Marigold.

— Mais café? — perguntou a garçonete, com o bule já sobre a xícara dele.

— Claro, Carla.

— Como foi ontem à noite? — perguntou ela, servindo seu café encorpado de sempre.

— Bem tranquilo.

Ela riu.

— E que fique assim!

— Com certeza.

— Quer outro *muffin*? Acabou de sair uma fornada quentinha.

Sua cintura talvez não gostasse, mas seu estômago, que roncava, certamente gostaria; portanto, não recusou. Quem poderia dizer não a Carla, que mantinha a cidade bem abastecida de fofocas e coisas gostosas?

Ela voltou para a cozinha, e ele abriu a última edição do *Purity Weekly* e leu as manchetes da primeira página: Reservas de verão atingem recorde; Urso-negro avistado na Oak Street; Acidente de carro deixa dois hospitalizados. Procurou o boletim de ocorrência da polícia local, na página três. Não que ele precisasse ler; já sabia os detalhes de quase todas as multas de trânsito e chamadas para o 911 da última semana.

CORY, JAMES. BOSTON, MA: excesso de velocidade

SIMPSON, RICHARD. PURITY, ME: carteira de habilitação vencida

ALLEN, JONATHAN. AUGUSTA, ME: embriaguez em público

WIEDEMANN, SCOTT. ALBANY, NY: micção em público

Em resumo, uma típica semana de julho, quando metade da população da cidade eram turistas de férias, sempre desinibidos e com frequência embriagados. Todo verão, eles invadiam a cidade, provenientes de Massachusetts, Nova York e outros lugares, afluindo ao Maine para fugir do calor e do mau cheiro de suas cidades. Era trabalho de Randy impedir que machucassem a si mesmos ou aos outros e, então, desejar-lhes boa viagem de volta para casa; com um pouco de sorte, com a carteira um pouco mais leve.

O sininho tocou. Randy ergueu os olhos e viu dois forasteiros entrando no Marigold. Ele sabia que aqueles homens não eram da região porque ambos usavam jaqueta de couro preta, apesar da temperatura de quase 21 graus. Pararam à porta e observaram o café, como se avaliassem o ambiente. Ao ver Randy, ficaram paralisados por um instante.

É isso mesmo, senhores. A polícia está de olho.

— Mesa para dois, meninos? — perguntou Carla.

Um sujeito podia ter oitenta anos, mas Carla não só continuaria chamando-o de menino, como também, sem hesitar, lhe daria uns tapas na bunda caso se comportasse mal.

— Hm. Isso — disse um deles, por fim.

Randy ficou observando Carla conduzi-los até uma mesa, perto o suficiente para que pudesse ficar de olho neles. Ambos pegaram o cardápio de plástico e leram as opções de café da manhã com uma atenção um

tanto excessiva, como se tentassem evitar os olhos de Randy; mais um detalhe que fez Randy pensar que os dois mereciam sua atenção. Ele estava mais acostumado a lidar com adolescentes arruaceiros e motoristas bêbados, mas sabia que, às vezes, grandes problemas chegavam às cidades pequenas, e gostava de pensar que estava preparado para lidar com eles. Até imaginava a manchete estampada no *Purity Weekly*. Não, melhor no *Boston Globe*: Policial do Maine captura sozinho dupla procurada.

Randy não sabia se aqueles homens estavam armados, mas nunca é demais estar preparado, de modo que se abaixou e, discretamente, desabotoou o coldre. Eles ainda liam o cardápio, que tinha só uma página, e o mais exótico que oferecia era rabanada e ovos fritos. Mais um indício de que havia algo de errado com aquela dupla.

O mais baixo dirigiu um olhar fugaz a Randy, por cima do cardápio. Foi só um movimento rápido dos olhos, mas naquele instante, seus olhos se encontraram. E se fixaram. De soslaio, Randy viu Carla voltando para a mesa, com o bule na mão. Ouviu o rugido de um motor na rua.

Estava tão concentrado nos dois homens que não viu a van branca passar em alta velocidade em frente à janela. Ouviu o guincho dos pneus, o barulho horrível de metal contra metal, e se voltou para a janela. Viu cacos de vidro espalhados na rua e... meu Deus, aquilo era um corpo?

— Meu Deus do céu! — exclamou Carla, ainda com o bule na mão, olhando pela janela.

Randy deu um pulo e saiu correndo do Marigold. O primeiro corpo jazia a poucos metros de distância, numa poça de sangue que ia se espalhando. Era um homem, com a coluna tão grotescamente torcida que parecia ter sido desmontado e montado errado, com os pés para trás. Do outro lado da rua, outro corpo, o de uma mulher com a blusa rosa rasgada e um dos seios fartos indecentemente exposto para todo mundo ver. Randy desviou o olhar dos corpos e olhou para o fim da rua, na direção do som de uma buzina estridente. Havia um terceiro corpo estendido na rua; outra mulher, essa com o tórax quase achatado. Laranjas e maçãs haviam caído de sua sacola e se espalhavam pela rua.

No fim do quarteirão, havia uma van branca com a frente encravada na lateral de um sedã azul estacionado.

O mundo ao seu redor parecia ter parado. Randy passou por pedestres horrorizados com a mão sobre a boca, pelos dois homens de jaqueta

de couro que o seguiram quando saíra do café e estavam parados ali, boquiabertos de horror. Naquela imagem congelada da carnificina, sobre vidro estilhaçado e o asfalto salpicado de sangue, Randy parecia ser o único que se movia.

Ao se aproximar dos veículos acidentados, viu escrito na van branca: TARKIN FINE CARPENTRY. Ele conhecia aquela van; conhecia o motorista. Fumaça preta subia do motor; um aterrador presságio de mais desastres.

Pela janela do motorista, ele viu Sam Tarkin tombado para a frente, com o rosto apoiado no volante. Randy abriu a porta com um puxão. Não viu sangue nem ferimentos aparentes, mas Sam gemia e tremia.

Randy passou a mão por cima de Sam e soltou o cinto de segurança.

— Você tem que sair! — gritou Randy. — Sam! Sam!

Sam ergueu a cabeça bruscamente, e Randy viu um homem que se parecia com Sam Tarkin; tinha o cabelo escuro e o rosto anguloso de Sam, mas os olhos... havia algo de errado com os olhos dele. As pupilas estavam dilatadas, como dois poços negros sem fundo. Olhos de alienígena. Não, aquela criatura suada e trêmula parecia ser outra pessoa. *Outra coisa.*

Randy olhou para a fumaça preta que subia em espiral. Precisava tirar Sam dali agora. Pegou-o pelo braço e puxou.

— Sai daqui! — gritou Sam. — Sai de perto de mim!

Ele arranhou Randy, cravou as unhas em sua carne.

Randy se afastou bruscamente, com o rosto latejando e sangue escorrendo por sua bochecha.

Tá maluco, cara?

Enfurecido, arrancou Sam da van e ambos caíram no asfalto. Mas Sam continuou lutando e se debatendo. Desesperado, tentando controlar o homem, Randy agarrou a garganta de Sam com as duas mãos e apertou. Apertou com tanta força que os olhos de Sam saltaram das órbitas e seu rosto adquiriu um tom roxo horrível.

— Para com isso! — gritou Randy. — Para de brigar comigo!

Ele não sentiu a mão de Sam em seu coldre, o coldre que já havia desabotoado. De repente, lá estava ele, encarando-o: o cano de sua própria arma.

— Não faz isso, cara — disse Randy. — Sam, não faz isso.

Mas não era Sam Tarkin quem olhava para ele.

E não foi Sam Tarkin quem puxou o gatilho.

2

MAGGIE

Presente

Era uma noite de verão perfeita: Maggie e seus amigos em volta da mesa de piquenique, tomando martinis e observando pássaros. Com binóculos, viam andorinhas-de-pescoço-vermelho mergulhando e rodopiando como confetes azuis sobre o campo recém-cortado. Todos descontraídos, rindo e desarmados.

Mas Maggie não tinha certeza *absoluta* sobre esse último detalhe. Ela apenas presumira que ninguém sentira necessidade de portar uma arma de fogo naquela noite. De fato, que sentido teria? Todos eles eram perfeitamente capazes de provocar o caos com um simples caco de vidro e, naquele momento, cada um tinha uma taça de martíni facilmente estilhaçável na mão, enquanto falavam sobre o livro escolhido para o clube de leitura daquele mês: *A Inteligência das Aves*.

A obra fora escolhida por Maggie, por isso, era a vez dela de sediar o encontro daquela noite do Clube do Martíni, nome que adotaram para seus encontros regados a álcool. Ser anfitriã não era uma tarefa árdua, pois o jantar era sempre colaborativo, e a principal responsabilidade de Maggie — aliás, a mais importante daquelas noites — era ter bebidas suficientes à disposição. Para aquele grupo, “suficiente” significava três marcas diferentes de vodca, duas marcas de gim, vermute seco, vinho tinto e branco e, para depois do jantar, uísques *single malt* variados.

O tempo estava gloriosamente quente, de modo que levaram o gim, a vodca, o vermute e o balde de gelo para a mesa de piquenique lá fora, para apreciar a vista dos seus campos ondulados. Três anos atrás, quando Maggie chegara a Purity, fora essa vista que a convencera a comprar a Fazenda Blackberry e finalmente criar raízes. Ali, ela encontrara um pouco de paz. No verão, recolhia ovos frescos de suas galinhas poedeiras e os vendia na feira local. No inverno, tirava a neve, cuidava dos seus pintinhos recém-nascidos e lia os catálogos de sementes para sua horta.

Mas, independentemente da estação do ano, aquelas noites entre amigos aconteciam. Eles se conheciam havia décadas, desde muito antes de todos terem ido morar em Purity, no Maine, onde agora se mesclavam discretamente com outros aposentados. Era um lugar onde as pessoas faziam poucas perguntas sobre suas carreiras anteriores e as deixavam em paz com seus segredos. Segredos que eles só se sentiam à vontade para compartilhar entre si.

Aquela noite, Ingrid Slocum se autoproclamou bartender e já estava preparando a segunda rodada de martínis, agitando vigorosamente os cubos de gelo na coqueteleira de aço inoxidável. O barulho alegre trouxe à tona as lembranças de Maggie dos dias no Campo Peary, também conhecido como The Farm, onde os quatro — Maggie e Declan, Ben e Ingrid —, membros da polícia secreta em treinamento, haviam criado laços. Olhando para eles, Maggie ainda os via como eram quando jovens: Ben Diamond, pescoço grosso e musculoso, com um olhar capaz de paralisar um agressor. A perspicaz Ingrid Slocum, sempre a mais rápida a encontrar uma saída de qualquer sala trancada. E Declan Rose, o charmoso filho de diplomata capaz de encantar um estranho só com um sorriso. Quatro décadas depois, seus cabelos estavam mais grisalhos — ou, no caso de Ben, raspados — e, com o passar do tempo, chegaram as inevitáveis rugas, as articulações rígidas e uns quilininhos a mais. Mas os veteranos da The Farm ainda eram os Quatro Mosqueteiros, destemidos diante do passar dos anos, ávidos por desafios.

E por um martíni bem-preparado.

— Que pena que estão desaparecendo — disse Declan, vendo os pássaros sobrevoando. — Daqui a uma geração, não vai ter mais andorinhas-de-pescoço-vermelho no Maine. — Ele entregou seus binóculos para Ben. — Toma, este é melhor que o seu. Dá uma olhada.

Ben, que claramente não era muito fã de pássaros, olhou as andorinhas sem muita convicção. De cabeça raspada e um olhar levemente ameaçador, ele também não tinha muita cara de observador de pássaros.

— Onde viu que as andorinhas-de-pescoço-vermelho estão desaparecendo?

— Saiu em uma edição do mês passado do *Purity Weekly*, na coluna de observação de pássaros.

— Você lê essa coluna?

— Observação de pássaros é uma excelente fachada para vigilância. Se você for pego e precisar blefar para se safar, é bom conhecer o básico sobre o assunto.

— Mais uma rodada? — perguntou Ingrid. — Lloyd está trazendo a bandeja de antepastos, tudo bem salgado. É melhor manter o bico molhado.

Ben levantou a mão.

— Hendrick's, por favor, sem vermute. Com todo esse papo de pássaros, meu bico já secou.

— Olha o antepasto chegando! — anunciou Lloyd, marido de Ingrid, todo alegre.

Ele saiu da casa com uma bandeja cheia de antepastos extravagantes; era famoso por isso. Espetinhos de queijo feta com coração de alcachofra, cogumelos marinados e fatias finíssimas de salame.

— Não é pra se empanturrar — avisou. — Minha braciola está no forno, e isso sim merece o apetite de vocês.

— Com esse homem cozinhando, como é que você não pesa trezentos quilos? — disse Ben a Ingrid quando ela lhe entregou o martíni que preparara.

— Disciplina pura — disse Ingrid, e se acomodou numa cadeira Adirondack com sua bebida.

— Todo mundo pronto para discutir o livro escolhido para este mês? — perguntou Declan.

— Fazer o quê, né?... — grunhiu Ben.

— A meu ver, o livro é absolutamente genial — disse Declan, mostrando seus novos binóculos Zeiss. — Ele me inspirou a comprar esta belezinha.

— Achei muito melhor do que aquele thriller de espionagem ridículo que lemos no mês passado — acrescentou Lloyd, acomodando

seu corpo avantajado na cadeira ao lado de Ingrid. — Esses escritores nunca acertam.

— Qual foi o capítulo favorito de vocês? — perguntou Declan.

— O capítulo sobre pardais — disse Maggie. — Adoro ver que a maioria das pessoas ignora esses passarinhos porque parecem tão comuns, tão banais. Mas os pardais conseguiram, de um jeito astuto, se infiltrar quase no mundo todo.

— Você está falando de pássaros ou de nós? — bufou Ben.

— Tem paralelos, não acha? — disse Ingrid. — Os pardais são como os agentes secretos do mundo das aves. Discretos, invisíveis. Eles se infiltram em todos os lugares sem chamar a atenção.

— Espera aí — disse Ben. — Isso é inédito. Todo mundo realmente *leu* o livro?

Eles se entreolharam.

— Supostamente, isto aqui é um clube de leitura — disse Ingrid. — Se bem que, na verdade, a gente vem pelos martinis.

— E o jantar — acrescentou Lloyd. — Que, aliás, já deve estar pronto.

Mas ninguém se mexeu. Estavam todos muito confortáveis sentados naquelas cadeiras Adirondack, bebendo seus drinques e admirando a vista. Ao longe, sinos tilintavam enquanto Callie, a vizinha de Maggie, de catorze anos, uma menina magricela de macacão azul, conduzia suas cabras e sua vaca Jersey pelo campo, de volta ao celeiro.

Callie acenou para eles; todos acenaram de volta. Grilos cantavam e as andorinhas continuavam fazendo seu espetáculo acrobático no céu, voando e mergulhando.

Ingrid suspirou.

— A vida pode ficar melhor do que isto?

Não. Não pode, pensou Maggie. Era um daqueles raros momentos perfeitos, com a boca formigando por causa da vodka e o cheiro de feno recém-cortado na brisa. E o querido Declan, sentado ao lado dela, sorrindo. Aos sessenta e oito anos, seus cabelos, antes pretos, agora eram metade grisalhos, mas a idade só havia acentuado sua beleza irlandesa, algo que ela aprendera a apreciar agora, no outono da vida de ambos.

Ela passara sua carreira à beira de crises, sem nunca saber quando tudo poderia desmoronar, de modo que sabia que momentos como aquele, com todos saudáveis e seguros e nenhuma calamidade à vista,

podiam ser efêmeros. O desastre podia acontecer a qualquer momento, contra qualquer um deles: um acidente de carro, um ataque cardíaco, uma mancha suspeita numa radiografia. Mesmo naquela noite perfeita, cercada de amigos, com o crepúsculo caindo suavemente sobre seus campos, ela sabia que os problemas chegariam. Só não sabia quando.

3

SUSAN

Foram para o norte, até o Maine, com George Conover no porta-malas. Susan achou um tanto desrespeitoso que as cinzas de seu falecido sogro fossem colocadas junto com as malas, mas se ninguém da família se opôs, por que deveria se incomodar? Ela mal conhecia o homem; há apenas três anos, Ethan apresentara Susan e sua filha, Zoe, aos pais. George fora educado, mas frio e distante: um bostoniano de blazer e dockside que parecia reservar seu julgamento sobre as duas novas integrantes da família até que provassem ser dignas do sobrenome Conover. Quando ele morreu de AVC, três meses atrás, Susan não ficara lá muito triste. Para ela, era como se fossem os ossos e cinzas de um estranho que estavam naquela urna, de tão pouco que o conhecia. Mesmo assim, achava inadequado tratá-lo como bagagem.

Mas a viúva de George parecia discordar. Quando pararam em Brookline para pegá-la, foi a própria Elizabeth quem colocou os restos mortais do marido na mala, e fechara o porta-malas com naturalidade. Quando Elizabeth decidia que um assunto estava encerrado, não se discutia.

Sem se virar, Susan olhou para Zoe e Elizabeth, no banco de trás. Estavam sentadas lado a lado, mas as duas não interagiam. Zoe, de quinze anos, estava concentrada em seu smartphone, uma típica adolescente isolada em sua bolha virtual, na qual as conversas se resumiam a cliques e toques na tela. Elizabeth também parecia estar em seu próprio mundo, olhando a paisagem pela janela enquanto se dirigiam ao norte pela costa do Maine, passando por vários vilarejos de nomes peculiares: Wiscasset, Damariscotta, Waldoboro; pensando, talvez, nos verões

passados, quando ela e George percorreram essa mesma estrada até sua casa de veraneio em Maiden Pond. Depois de cinquenta e cinco anos de casamento, aquela seria sua última viagem juntos ao Maine. Mas seu rosto não demonstrava nenhuma tristeza; ela continuava sentada, ereta como uma estátua, uma mulher estoica de cabelos grisalhos. Assim era Elizabeth, prática e nem um pouco sentimental.

— Ethan, você disse que a casa fica em Maiden Pond — disse Zoe.
— Por que tem esse nome?

Ethan; ela ainda o chamava assim. Quanto tempo levaria para que Zoe finalmente o considerasse como pai? Susan olhou para o marido, imaginando se aquilo o incomodava, mas Ethan estava imperturbável, observando o trânsito por cima dos óculos, tranquilo.

— Tem esse nome porque uma menina se afogou lá faz muito tempo — disse Ethan.

— Sério? Faz quanto tempo?

— Você sabe, mãe?

Elizabeth despertou de seu devaneio.

— Faz uns cem anos, pelo menos. Umas estudantes foram andar de barco a remo e ele virou. Foi o que me contaram.

— E a menina não sabia nadar?

Susan olhou para a filha.

— Nem todo mundo é uma sereia como você, meu amor.

— E as meninas usavam muito mais roupa naquela época — disse Elizabeth. — Anáguas, vestidos longos, talvez botas. Isso pode tê-las ajudado a afundar.

— O site diz que o Maiden Pond tem uma profundidade máxima de uns doze metros — disse Zoe, mexendo no celular. — Será que está certo?

— Não faço a mínima ideia — disse Ethan.

— Mas sua família não vai para lá todo verão?

— Minha mãe e Colin, sim; faz muito tempo que não vou. — Ele olhou pelo retrovisor. — Mãe, qual a profundidade do lago?

Elizabeth suspirou.

— E isso importa?

— Não, desde que seja fundo o suficiente — disse Zoe. — Tem alguma coisa que morda na água?

— Com certeza — disse Ethan. — Você pode acabar sendo devorada por patos.

— Ethan!

— Sério, não tem nada no lago que possa te machucar, Zoe. No Maine não tem nem cobras venenosas.

— Que bom, porque cobra é a única coisa que me assusta.

— Mas aviso já, a água é gelada. Os lagos aqui em cima só esquentam de verdade em agosto.

— Água fria não me incomoda. Quero participar do banho gelado de Ano-Novo um dia.

— Deus que me livre.

— Vou nadar dez vezes por dia. Estou louca para pular na água!

Ethan riu.

— E estou louco para te ouvir gritar quando cair naquela água gelada.

Era bom ouvir Ethan rir de novo. Susan não o ouvira rir muito nos últimos meses, sempre sentado à frente do computador, encarando a tela, esperando a inspiração. Se a inspiração fosse algo que um escritor pudesse simplesmente conjurar, ele dizia. Se existisse uma pílula mágica ou um feitiço que fizesse as palavras aparecerem na folha de papel... Cinco anos depois da publicação de seu primeiro romance, ele ainda não havia entregado o segundo, e, com o passar dos meses, crescia o medo de que nunca houvesse um segundo romance, de que as palavras nunca mais fluíssem; de que ele fosse um impostor, uma pessoa com a audácia de se autodenominar escritor. Como poderia dizer aos seus alunos de escrita criativa, no Boston College, que era uma autoridade no assunto, se ele mesmo não conseguia produzir uma única página decente? Ela vira a derrota remodelar seu rosto, as olheiras se aprofundarem e o cenho franzido virar permanente. À noite, ele ficava revirando na cama ao seu lado, e ela sabia que era o livro que não o deixava dormir. O livro que se recusava a ser escrito. Ela não tinha a menor ideia de como funcionava a mente de um escritor, mas imaginava que fosse como um monte de vozes gritando em sua cabeça, exigindo que contasse a história do jeito *delas*. Parecia coisa de louco.

Talvez lhe fizesse bem sair da frente do computador para ir ao funeral do pai, longe daqueles personagens que não paravam de tagarelar em sua cabeça. Agora, enquanto Boston ia ficando cada vez mais para trás, ela via os músculos do pescoço dele relaxando e um sorriso surgir em seus

lábios; quilômetro após quilômetro, ele ia se livrando das camadas de tensão. Ele precisava dessa viagem ao Maine. Os dois precisavam. *Duas semanas de férias numa casa à beira-mar; é exatamente disso que precisamos.*

Ela se voltou para olhar a sogra, que, mais uma vez, olhava pela janela do carro.

— Tudo bem aí atrás, Elizabeth?

— Estou pensando em quanta coisa terei que fazer quando chegarmos lá.

— Mãe, está tudo resolvido — disse Ethan. — Colin mandou mensagem hoje de manhã. Ele e Brooke disseram que os quartos estão prontos, não precisa se preocupar com nada. Colocaram Kit no sótão, então Zoe pode dormir no quarto ao lado do nosso. Ah, e Arthur e Hannah vão tomar uns drinques com a gente hoje à noite.

E dirigindo-se a Susan, prosseguiu:

— Lembra dos amigos dos meus pais, Hannah Greene e Arthur Fox, né? Do casamento. Eles também têm chalés no lago.

— Sim, claro — disse Susan.

Mas, na verdade, a lembrança deles estava quase perdida no meio de todas as outras memórias do dia do casamento: Ethan sorrindo para ela no altar. Zoe, radiante de dama de honra, com seu vestido amarelo. E então, a tempestade caiu de repente e os convidados, encharcados e risonhos, tiveram que correr para dentro. Ela se lembrava de Arthur, um homem alto e aristocrático na casa dos oitenta, trocando histórias no bar com seu velho amigo George. Também era vaga a sua lembrança de Hannah Greene, uma mulher robusta de sessenta e poucos anos, tagarelando histórias sobre suas desventuras no lago quando era babá de Ethan e seu irmão mais velho, Colin.

— Algumas pessoas que vão estar na cerimônia de homenagem você não conhece — disse Ethan. — O pastor local vai presidir, e alguns amigos do meu pai, do clube náutico, disseram que vão. — Ele olhou para Elizabeth pelo retrovisor. — Vai ser como nos velhos tempos, mãe!

— Ethan, cuidado! — alertou Susan.

Ethan freou bruscamente e o carro parou cantando pneus e jogando todos para a frente, contra os cintos de segurança.

— Jesus — murmurou ele, olhando a fila de carros que havia parado de repente à frente deles. — Tudo bem aí atrás, mãe?

— Seria ótimo se chégássemos lá ilesos.

— Eu não esperava todo esse trânsito.

— Faz anos que você não vem para cá. Mudou muito — Elizabeth suspirou e acrescentou, baixinho: — Tudo mudou.

O trânsito estava parado. Uma longa fila de carros se formara à frente deles, contornava a curva e desaparecia de vista.

— Deve ser um acidente — disse Susan.

O som estridente de uma sirene confirmou. Susan se voltou e viu as luzes piscando se aproximando; a seguir, passou uma ambulância em alta velocidade pelo trânsito parado.

— Tomara que não seja nada sério — disse Ethan.

As luzes piscantes desapareceram no alto da colina. Susan pensou em carros destruídos e corpos mutilados. Era formada em enfermagem e, embora não trabalhasse mais num hospital e sim como enfermeira escolar, não esqueceu o pânico de tentar salvar uma vida e todas as coisas que poderiam dar errado. Ela olhou para a filha atrás, que de novo estava no celular, alheia a tudo ao seu redor. Elizabeth também parecia perdida em seus pensamentos. O drama que se desenrolava na estrada, mais à frente, não parecia interessar a nenhuma das duas.

O trânsito começou a fluir de novo. Chegaram ao alto da colina e viram dois carros amassados. Malas haviam voado de um bagageiro no teto e as roupas estavam espalhadas pela estrada, formando um tapete colorido. Jogados no acostamento, havia um cooler e um tênis roxo. Eu vim *para o Maine de férias, nunca imaginei encontrar isso*, pensou Susan. Mas quem pensa nessas coisas quando está arrumando as malas, pondo shorts e protetor solar? Esperavam dias tranquilos num lago e sanduíches de lagosta na praia; não imaginavam que, em vez disso, acabariam num leito de hospital.

E que nunca mais voltariam.

SUA PRIMEIRA VISÃO DO MAIDEN POND FOI POUCO MAIS DO QUE lampejos dourados entre os galhos das árvores, o reflexo da água iluminada pelo sol penetrando o denso muro de abetos e pinheiros. Conforme desciam pela Shoreline Road, ela ia vendo mais alguns pontos, mas não tinha uma visão completa. Só tentadoras cintilações, brilhantes como enfeites de Natal.

— É aquele lago lá embaixo? — perguntou Zoe, finalmente largando o celular e olhando pela janela.

— Sim, aquele é o Maiden Pond — disse Ethan.

— Vou chegar e pôr meu maiô.

— Não é melhor esperar até amanhã? — disse Susan. — Precisamos ficar um pouco com a família do Colin primeiro. Você não vê Kit desde o casamento.

— Ele não quis conversar muito comigo, na época.

— Kit é assim mesmo — disse Ethan. — Seu primo é tímido.

É, dá para ver que ele é tímido, pensou Susan, lembrando-se do adolescente calado e curvado que passara toda a recepção do casamento em órbita, perto de sua mãe, Brooke. Agora ele faria dezessete anos, idade para entrar na faculdade. Talvez houvesse adquirido algumas habilidades sociais desde então.

Pegaram uma estrada de cascalho e pararam diante de uma placa de madeira pregada numa árvore, que dizia:

MOONVIEW

Proibida a entrada sem autorização

A placa ameaçadora estava escrita em letras entalhadas simples, sem qualquer adorno, e não dava nenhuma pista do que havia depois dela.

— Precisa contratar alguém para podar essas árvores, mãe — disse Ethan, descendo a estreita entrada de carros com galhos raspando as laterais do veículo.

— Seu pai deixou isso de lado por muito tempo. Tínhamos outras coisas em que pensar.

— Vou ligar para umas pessoas na cidade e ver se conseguimos alguém para...

— Seu irmão vai cuidar disso, com certeza.

Houve um silêncio.

— Claro — murmurou Ethan. — Colin vai cuidar disso.

De repente, a mata se abriu e a superfície do Maiden Pond, dourada pelo sol da tarde, desabrochou diante deles. E ao lado, imponente, estava a Moonview, a casa de verão dos Conover. Elizabeth a chamava de *chalé*, por isso Susan esperava um lugar rústico. Mas não era um mero chalé. Era

uma casa espaçosa, com várias empenas, quatro chaminés e um grande deque com degraus que desciam até um extenso gramado.

Pararam atrás da BMW de Colin. Ao sair do carro, Susan respirou fundo, inalando o aroma delicioso de pinheiros, grama e terra úmida. Afora o chilrear de um pássaro num galho, reinava um silêncio absoluto; o lago parecia um espelho de tão calmo; nem uma única ondinha tocava sua superfície.

Uma porta de tela se abriu rangendo e se fechou com força.

— Chegaram, finalmente! — exclamou Colin, irmão mais velho de Ethan.

Ela se voltou e viu Colin e a família descendo os degraus do deque para recebê-los. O *casal de ouro*, como Ethan certa vez chamou Colin e Brooke, não só pela beleza loura dos dois, mas também pela facilidade com que pareciam levar a vida. Até ali, naquele recanto rústico do Maine, Brooke estava elegante como sempre, com seus cabelos louros e brilhantes de corte chanel e uma blusa de tricô rosa que marcava sua cintura fina. Atrás deles estava o filho, Kit, com o rosto meio escondido por seus cabelos louros e despenteados, ombros caídos, como se quisesse se misturar à paisagem. Enquanto todos se abraçavam, Kit mantinha distância, cumprimentando apenas com um aceno sem graça.

— Estamos esperando vocês há horas — disse Colin, tirando as malas do porta-malas com o irmão.

— O trânsito estava péssimo — disse Ethan. — E teve um acidente.

Colin parou o que estava fazendo e franziu a testa, olhando para o porta-malas.

— Esta caixa é... o papai?

— Dá isso aqui para mim — disse Elizabeth, e tranquilamente tirou do porta-malas a caixa que continha a urna de cerâmica do marido. — Será um alívio quando eu não precisar mais me preocupar com isso.

Colin e Ethan ficaram olhando a mãe levar os restos mortais do pai para dentro de casa. A porta de tela bateu com força atrás dela.

— Parece que a mamãe está lidando muito bem com a perda — disse Colin, seco.

— Já faz três meses — disse Ethan.

— Não é *tanto* tempo assim.

— Cada um lida com o luto à sua maneira, Colin — disse Brooke.

— E sua mãe nunca foi muito sentimental.

— É. — Ele fechou o porta-malas do carro. — Só espero que não o coloque em cima da privada.

Entraram também. Dois passos adiante, Susan parou, contemplando, maravilhada, a grande sala de estar. A luz do sol inundava o ambiente pelas janelas que iam do chão ao teto e brilhava no piso de madeira encerado. Vigas aparentes se arqueavam no teto abobadado. Uma galeria de fotografias de família ocupava uma parede inteira, documentando os Conover ao longo das décadas.

Brooke sussurrou para Susan:

— E eles chamam isto aqui de “só um chalezinho”.

— Não é como eu esperava — disse Susan.

— O que você esperava?

— Sei lá, uma cabana no lago, beliches.

Brooke riu.

— Os Conover não usam beliches, acredite. Graças a Deus, senão, eu não teria vindo para cá esses anos todos.

Susan voltou a atenção para as fotos de família. Era uma história ilustrada dos Conover no Maine, remontando a uma imagem de Elizabeth e George, jovens, ao lado do lago, com um grupo de amigos.

— Todas essas fotos foram tiradas aqui? — perguntou Susan.

— Ao lado do mesmo pinheiro. A árvore fica lá perto das canoas. Dá para ver quanto cresceu ao longo dos anos. Todo verão, Elizabeth nos obriga a ficar embaixo daquela árvore para tirar uma foto. Esta foto foi tirada logo depois que Colin nasceu. — Brooke apontou para um bebê louro e angelical nos braços de Elizabeth. — E aqui, a primeira aparição de Ethan. — Apontou para outra foto, também de Elizabeth segurando um bebê, mas esse de cabelos escuros, e Colin, já uma criança robusta, olhando feio para o irmãozinho.

Mesmo ainda bebês, os irmãos eram diferentes, pensou Susan. Com o passar dos anos, as diferenças foram ficando mais evidentes. Ela já conseguia ver o marido naquele menino magro, de óculos e semblante sério. Já naquela época, ele tinha um livro na mão, ao passo que Colin, o irmão mais alto e louro, demonstrava uma confiança inabalável. Confiança que, sem dúvida, lhe fora muito útil em Wall Street.

Ouviram-se passos nas escadas. Susan se virou e viu a filha, já com seu maiô roxo, passando correndo pela sala de estar.

— Zoe?!

— Só um mergulho, mãe! Vem, vem comigo!

— Temos que desfazer as malas!

Mas Zoe já havia saído pela porta de tela e estava descendo as escadas do deque correndo, atravessando o gramado em direção à água. Claro; se havia água por perto, Zoe não resistia; tinha que mergulhar.

Susan foi atrás da filha; ainda estava na metade do gramado quando Zoe mergulhou no lago e gritou de alegria.

— É como ter uma piscina enorme só para mim! — exclamou Zoe.

No deque particular, Susan sorriu para a filha, que nadava sem esforço.

— Não está muito fria?

— Não para mim!

A água nunca está fria demais para uma sereia, pensou Susan vendo Zoe deslizar sobre uma superfície acobreada brilhante. Afora o grito melancólico de um mergulhão e o suave som das braçadas de Zoe na água sedosa, a tarde transcorria num silêncio mágico. Via-se só mais uma pessoa à vista: um homem passando num caiaque.

Ela acenou, esperando que ele retribuísse o gesto; afinal, as pessoas acenavam umas para as outras no Maine, não?

Mas o homem não retribuiu o aceno. Ficou só olhando para ela, com seu rosto recortado em preto contra o brilho da lagoa ensolarada, e saiu remando.

— Ela não consegue esperar, né? — disse Ethan, rindo e descendo até sua família.

— Também, ficou presa no carro o dia todo...

Ele passou o braço pela cintura de Susan e ficaram um pouco ali parados, observando a cabeça de Zoe emergir e submergir na água, com seus cabelos escuros, lisos e brilhantes como pelo de foca.

— É tão lindo — suspirou Susan, recostando-se no marido. — Se eu fosse você, passaria todos os verões aqui.

Ele deu de ombros.

— É um lugar agradável.

— Nossa, quanto entusiasmo.

— É a casa dos meus pais, não minha.

— Achei que toda a família fosse bem-vinda. Brooke e Colin vêm todo verão, não é?

— É.

Susan olhou para o marido, mas ele olhava para o outro lado da água, como se olhasse para um passado que ela não podia ver. Um passado que, ficou claro, não foi feliz.

— Você nunca me falou muito sobre este lugar. Tem algum motivo para você não ter voltado mais aqui?

Ele suspirou e apontou para uma árvore no alto da encosta, que tinha um tronco enorme e galhos bem espalhados.

— Está vendo aquele bordo ali?

— Que é que tem?

— Quando eu tinha sete anos, passei quase uma tarde inteira em cima daquela árvore, com medo de descer, porque Colin estava esperando embaixo e jogando pedras em mim. Hannah Greene teve que me resgatar.

— Meu Deus, que idiota!

— É uma lembrança boba. Eu já deveria ter superado, mas é assim que me lembro de todos os verões que passei aqui. Colin, o rei da colina. Um dia, simplesmente parei de vir com eles. Faz anos que não venho; agora, eu me sinto como um hóspede de verão.

— Mas você não é um hóspede. Você é da *família*!

— Eu sei, eu sei.

— Vamos fazer com que este verão seja diferente, então?

Ele sorriu para ela.

— Já é diferente. Eu tenho você e Zoe.

— Acho que vai ser bom para nós passarmos umas semanas longe da cidade. Por causa do seu pai, todo mundo teve que vir para cá para espalhar as cinzas dele. Você foi obrigado a sair do computador e respirar um pouco. E talvez alguma coisa inspire você aqui. Talvez veja ou ouça algo que vai poder usar. Nunca esqueço do que você disse quando nos conhecemos, na sua noite de autógrafos: “Para um escritor, nenhuma experiência, boa ou ruim, é desperdiçada.”

— Ah, sim. Eu tenho as melhores cantadas.

— Bom, comigo funcionou.

Ele a abraçou.

— Desculpe — disse ele.

— Por quê?

— Por não andar muito divertido ultimamente, estar sempre distraído com esse livro idiota. Estou começando a odiar esses personagens idiotas por me afastarem de você.

— Tudo bem, desde que você volte para nós.

Ele sorriu e lhe deu um selinho.

— Temos que desfazer as malas — murmurou.

— Temos.

— Os vizinhos vão chegar daqui a pouco para tomar uns drinques...

— E eu prometi ajudar com o jantar — acrescentou ela.

Mas nenhum dos dois se mexeu. Era lindo demais ali, só os dois, o lago brilhando como fogo líquido, a filha deslizando na água.

Uma noite de verão perfeita, pensou ela. Só mais um pouquinho.